

Os Desafios da **Ética Cristã**

Rodrigo BIBO de Aquino

Os Desafios da **Ética Cristã**

Rodrigo BIBO de Aquino

Joinville/SC - Brasil - 2013

Diagramação: Junior Peres

12 Índice 789

Prefácio	4
Capítulo 1	7
<i>Definição do Termo Ética</i>	7
<i>Ética Descritiva</i>	7
<i>Ética Normativa</i>	8
Capítulo 2	10
<i>Ética Cristã e/ou Teológica</i>	10
<i>Os desafios da Ética Cristã</i>	11
<i>Conceitos gerais e etimologia</i>	12
<i>A ID depois da queda</i>	13
<i>A ID como fundamento da ética</i>	14
Considerações finais	17
Referências	19

Prefácio

A palavra ética vem do substantivo grego *ethos*/*êthos* que por sua vez deriva de *ethô* (estar habituado, se apropriar). Basicamente podemos afirmar que essas duas palavras significam: costume, hábito, podendo ainda significar caráter, mentalidade, índole.¹ “Ambos os termos têm a ver com a formação da vida humana e/ou da postura interior que está por trás da vida”.² A palavra nasce, historicamente falando, nos escritos daquele que sistematizou a filosofia, Aristóteles (384-323 a.C.), contudo, antes dele, Sócrates é quem dá início a ética ou filosofia moral. O Patrono da Filosofia perguntava aos atenienses o que eram os valores nos quais acreditavam e que respeitavam ao agir.

Que perguntas Sócrates lhes fazia? Indagava: O que é a coragem? O que é a justiça? O que é a piedade? O que é a amizade? A elas, os atenienses respondiam dizendo serem virtudes. Sócrates voltava a indagar: O que é a virtude? Retrucavam os atenienses: É agir em conformidade com o bem. E Sócrates questionava: Que é o bem? As perguntas socráticas terminavam sempre por revelar que os atenienses respondiam sem pensar no que diziam. Repetiam o que lhes fora ensinado

¹ WIESE, Werner. *Ética fundamental: critérios para crer e agir*. São Bento do Sul: União Cristã. 2008.

² BURKHARDT. In: WIESE, 2008, p. 21.

desde a infância. Como cada um havia interpretado à sua maneira o que aprendera, era comum, no diálogo com o filósofo, uma pergunta receber respostas diferentes e contraditórias. Após um certo tempo de conversa com Sócrates, um ateniense via-se diante de duas alternativas: ou zangar-se e ir embora irritado, ou reconhecer que não sabia o que imaginava saber, dispondo-se a começar, na companhia socrática, a busca filosófica da virtude e do bem.³

Ao pensar sobre o fundamento e o sentido dos costumes estabelecidos, indagar o que são virtudes e o bem, Sócrates realizava duas interrogações:

- 1ª - Por um lado, interroga a sociedade para saber se o que ela costuma considerar virtuoso e bom corresponde efetivamente à virtude e ao bem;
- 2ª - por outro lado, interroga os indivíduos para saber se, ao agir, possuem efetivamente consciência do significado e da finalidade de suas ações, se seu caráter ou sua índole são realmente virtuosos e bons.⁴

Assim nasce a filosofia moral ou a disciplina denominada ética, no indagar o que são, da onde vêm e o que valem os costumes. A indagação ética socrática dirige-se, portanto, à sociedade e ao indivíduo.

³ CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia**. 13. ed. São Paulo: Ática, 2004. p. 310-11.

⁴ CHAUI, 2004, p. 311.

Definição do termo ética

Podemos então definir ética como a ciência que estuda a conduta/comportamento do ser humano diante da sociedade, exercendo seu papel na organização e preservação da vida. É a “ciência normativa do agir do ser humano em vista do seu fim último”.⁵

Os teóricos falam, grosso modo, de ética descritiva e ética normativa, e que podem assim ser definidas:⁶

Ética Descritiva

Significa que a tarefa da ética consiste em analisar e descrever a história da conduta do ser humano. Portanto, ética descritiva constata como o ser humano – cristão ou não – se comporta. É evidente que a ética não se pode limitar simplesmente a essa tarefa. Daí a

⁵ RABUSKE. In: WIESE, 2008, p. 23.

⁶ BURKHARDT. In: WIESE, 2008, p. 23.

expressão ética normativa.

Ética Normativa

Significa que a tarefa principal da ética é perguntar: como o ser humano deve comportar-se? Em jogo está a questão da verdade. E “a verdade sempre é comprometedora”. Pode-se definir ética normativa da seguinte forma: ela pressupõe a existência da verdade. Para detectá-la, necessita-se de normas ou critérios formulados a partir da verdade. Finalmente, a ética normativa pressupõe que o ser humano tenha liberdade para agir desta ou daquela maneira.

Para exemplificar a ética descritiva, podemos citar as pesquisas feitas com a população acerca de temas como: aborto, moral sexual, desarmamento, etc. Quando lemos ou vemos uma estatística desse tipo, estamos diante da ética descritiva, visto ela descrever o que um povo ou grupo social pensa a respeito dos mais variados comportamentos do ser humano. Obviamente, a ética descritiva pode gerar um comportamento equivocado, pois se a maioria aprova uma ideia ou comportamento, isso não quer dizer que tal é moralmente aceitável. Por exemplo, se uma pesquisa revelar que muitos empresários sonegam impostos, isso não significa que os que não fazem devem fazer.⁷

⁷ GAARDER, Jostein. et al. **O livro das religiões**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 265.

Por isso existe a ética normativa. Nela o sujeito é orientado quanto àquilo que é certo e aquilo que é errado dentro do grupo social do qual faz parte. Como afirma GAARDER: “Ela argumenta em favor de certos valores ou códigos; ela fornece normas, por isso é ‘normativa’. Não busca o estado vigente da moralidade, e sim em que estado ela deveria se encontrar. Não busca o que é, mas o que deve ser.”⁸

O decálogo e o sermão do monte são exemplos de ética normativa.

Para saber mais sobre o decálogo, ouça a série As Tábuas da Lei no blog **bibotalk.com.br**

⁸ GAARDER, 2000. p. 265.

Ética Cristã e/ou Teológica

A ética cristã se preocupa com as mesmas questões que a ética social: a preservação da vida, a postura do ser humano diante das leis que regem os Estados, etc. Contudo, a ética cristã (que é para os cristãos) vai além, pois olha para a criação e a sociedade a partir dos valores bíblico-teológicos, procurando colocar esse saber em prática no dia a dia. O crente em Jesus Cristo, como o ser humano que tem dupla cidadania, tem dupla tarefa: conservar e “salvar” a criação!⁹

O sujeito/agente da ética cristã é o ser humano que descobriu sua identidade em Cristo e por ele foi regenerado. É a humanidade que vive a partir da realidade que é imagem e semelhançado seu Criador.

⁹ WIESE, 2008, p. 29.

Os desafios da Ética Cristã

Como dito acima, a ética cristã tem como sujeito os que foram alcançados pela salvação, nessa condição, os salvos tem como objetivo ético a manutenção e salvação do mundo.

Para entendermos melhor essa questão, temos que resgatar o conceito da Imago Dei (doravante ID). O ser humano foi criado a imagem e semelhança de Deus, por isso, a ética teológica só é possível devido a esse status que o ser humano tem, como frisa Brakemeier: “A aplicação do conceito da imagem de Deus ao ser humano é o estatuto da igualdade humana e a constituição da humanidade em ‘sociedade’”.¹⁰

O que significa ser imagem e semelhança de Deus? Uns dizem que é a capacidade de nos comunicarmos com Deus, outros, a capacidade de criar coisas e gerar semelhantes, ou ainda, porque conseguimos dominar a criação. Essas definições não deixam de estar certas, mas para compreendermos esse conceito, precisamos buscar como o povo de Israel entendia essa declaração, afinal, esses textos foram escritos por eles.

¹⁰ BRAKEMEIER, Gottfried. **O ser humano em busca de identidade**. São Leopoldo: Sinodal: São Paulo: Paulus. 2002. p. 21

Conceitos gerais e etimologia

Os grandes reis do Antigo Oriente costumavam mandar erigir nos seus reinos efígies (estátuas) de si mesmos. Elas serviam como símbolos de sua soberania, ou seja, onde fosse visto essa estátua, saber-se-ia que aquele território pertencia a tal rei. Foi nesse sentido que Israel compreendia a sentença imagem e semelhança de Deus, vendo o ser humano como símbolo da própria soberania de Deus sobre a terra.¹¹ Enquanto que para povos vizinhos, o ser humano não passava de escravo dos deuses, para Israel ele era, e é, cooperador de Deus na criação. Onde houver um ser humano, ali está um representante de Deus, basta ele se dar conta disso.

Não existe nenhuma palavra que explique diretamente no que consiste a imagem de Deus nos ser humano. Os termos hebraicos *selem* (imagem, estátua) e *dmot* (igualdade, algo como) são utilizados como sinônimos no texto de Gênesis 1.26-28. Eles não apontam somente para a natureza espiritual do ser humano, mas também para sua natureza física, ou seja, o ser humano na sua integralidade para o desempenho de seu papel,¹² refere-se à totalidade da pessoa humana criada por Deus e “programada” para Deus.¹³ Toda minha estrutura, corpo e alma/espírito são ima-

¹¹ Von RAD, Gerhard, **Teologia do Antigo Testamento**. 2. ed. São Paulo: ASTE/TARGUMIM, 2006. p. 145.

¹² Von RAD, Gerhard, 2006, p. 143.

¹³ WESTERMANN, apud. WIESE, 2008, p. 64.

gem de Deus.

A ID depois da queda

O pecado desfigurou a imago Dei, por isso, o dominar de Gênesis virou sinônimo de exploração desenfreada. Depois da queda, não somente a ID foi atingida, mas a criação também passou por mudanças, por isso, “o ser humano e a criação não-humana, reciprocamente não só interagem, mas reagem a ponto de se tornarem ameaças mútuas.” E não é somente a natureza que é dominada, o ser humano passa a subjugar até mesmo seu semelhante.

Porém, fica claro que mesmo após a queda a humanidade continua sendo imagem e semelhança de Deus, contudo, com alterações, pois se nada mudasse com a queda, não haveria necessidade de conversão e regeneração. Como atesta MONDIN:

*Pelo fato de constituir um aspecto essencial do ser humano, a imago Dei nunca foi inteiramente destruída, nem totalmente corrompida, mas apenas deturpada, a tal ponto que, por si só, o homem não tem forças para restaurá-la. A restauração da imago Dei no homem é obra do Filho de Deus, que é imago Dei por excelência.*¹⁵

¹⁴ WIESE, 2008, p. 83.

¹⁵ MONDIN, Battista. **Antropologia teológica: historias problemas perspectivas.** São Paulo: Paulinas, 1979. p. 139.

A ID como fundamento da ética

A humanidade foi criada a imagem e semelhança de Deus, logo, o domínio sobre o mundo, a responsabilidade pela criação, não é dada a grandes indivíduos, mas sim, a comunidade dos seres humanos. O versículo 28 do capítulo 1 de Gênesis deixa bem claro que a administração do mundo é confiada a uma humanidade grande junto com a multiplicidade de seus membros, ou seja, todos devem tomar parte desse domínio sobre a criação.¹⁶ Sendo assim, cada indivíduo é um agente da ética, por isso, responsável por suas atitudes diante de Deus, de seu semelhante e do meio ambiente. Com base no texto de Wiese,¹⁷ podemos entender assim cada um desses aspectos:

Diante de Deus: como criatura, o ser humano não está em pé de igualdade com Deus, contudo, isso não o diminui, pelo contrário, lhe confere dignidade, pois não precisa “banciar Deus” ou “semideus”, como humano e somente nessa condição, ele tem seu lugar diante de Deus, para viver em sua presença e a partir dela, orientar sua vida. O autor de Eclesiastes diz: “Agora que já se ouviu tudo, aqui está a conclusão: Tema a Deus e obedeça aos seus mandamentos, porque isso é o essencial para o homem”. Esse é o horizonte que caracteriza a finalidade e razão da exis-

¹⁶ WOLFF, Hans W. *Antropologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2007. p. 251.

¹⁷ WIESE, 2008, 82-85.

tência humana na Terra. É diante do divino que o humano se torna mais humano e encontra seu propósito.

Diante do meio ambiente: devemos levar a sério, e como uma tarefa também espiritual, a preservação do meio ambiente. Como nossa “casa” o planeta deve ser preservado, mesmo que ele seja transitório, Deus tornou o ser humano seu mordomo, seu administrador. Dessa forma, pesa sobre nós a dádiva e a responsabilidade em relação a criação.¹⁸ Dominar a criação não significa exaurir os recursos como temos feito, pelo contrário, é agir tirando nosso sustento de forma sustentável. Por isso hoje em dia se fala em ética planetária, e com certeza, a ética cristã atende esse requisito, se levada a sério.¹⁹

Precisamos entender que a Terra não é a sala de espera antes do céu, mas o jardim em que fomos colocados para cuidar!

Diante do semelhante: o ser humano está acima da criação não-humana, abaixo do criador e em pé de igualdade com seu semelhante. O cuidado pelo próximo ou o descuido dele

¹⁸ Na seção Meio Ambiente e fé cristã presente na revista *Ultimato*, temos boas reflexões sobre essa faceta da responsabilidade ética. Disponível em: <http://www.ultimato.com.br/revista/busca/marina+silva>

¹⁹ Para saber mais sobre ética planetária, recomendo o artigo *Da ética humanitária a uma ética planetária*. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/view/226/266> Acesso 05 ago de 2013.

determina minha relação com ele. Quem não for tutor do seu irmão, periga tornar-se, mais cedo ou mais tarde, seu homicida (Gn 4.8-11). Bauman corrobora:

“Quando Deus perguntou a Caim onde estava Abel, Caim replicou, zangado, com outra pergunta: ‘Sou por acaso guardião do meu irmão?’ Emmanuel Levinas, comentou que dessa pergunta zangada de Caim começou toda a imoralidade. É claro que sou guardião do meu irmão; e sou e permaneço uma pessoa moral enquanto não pergunto por uma razão especial para sê-lo. Quer eu admita, que, não, sou o guardião do meu irmão porque o bem-estar do meu irmão depende do que eu faço ou do que me abstenho de fazer. Eu sou uma pessoa moral porque reconheço essa dependência e aceito a responsabilidade que ela implica. No momento em que questiono essa dependência, e peço, como fez Caim, que me dêem razões para que eu me preocupe, renuncio a minha responsabilidade e deixo de ser um ser moral. A dependência de meu irmão é o que me faz um ser ético. A dependência e a ética estão juntas, e juntas elas caem.”²⁰

Recomendo o **#BTCast 053** – O Bom Samaritano, lá exploramos muito essa faceta da ética cristã diante do próximo.²¹

²⁰ BAUMAN, Zygmunt. **A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. p. 98.

²¹ Disponível em: <<http://bibotalk.com.br/site/podcast/btcast-053-o-bom-samaritano>> Acesso em: 05 ago de 2013.

Considerações finais

Diante de tudo o que expomos aqui, podemos arriscar e dizer que a ética cristã tem como serviço mais nobre a “salvação” do mundo, ou seja, sua principal tarefa é o anúncio do evangelho de Jesus. E nesse anúncio, ela não somente fala, mas age de acordo com o enunciado. Dessa forma, a Igreja, detentora da ética cristã, entende que seus membros devem comunicar com a ação, e não discursos que respondem perguntas que já não são mais feitas.

A irrupção do reino de Deus em Jesus Cristo permite que já (mas ainda não) vivamos aqui, as benesses desse reino e isso implica viver como súdito. Ser servo do rei é servir ao próximo, por isso a ética cristã reconhece que sempre tem alguém à beira do caminho, como bem frisa GUTIÉRRES:

A parábola do bom samaritano termina com a famosa inversão que Cristo apresenta ao interrogante inicial. Perguntaram a ele: Quem é o meu próximo? Quando tudo fazia pensar que o próximo é o ferido à beira do caminho, Cristo perguntou: Quem desses três lhe parece que foi o próximo do que caiu nas mãos dos assaltantes? (Lc 10.29 e 36). Próximo foi o samaritano que se aproximou do ferido e o fez seu próximo. Próximo, como foi dito, não é aquele que encontro em meu caminho, mas aquele em cujo caminho me coloco.²²

Assim, a ética cristã não pergunta pelo próximo, ela o enxerga no necessitado, ela o procura nos marginalizados e os ampara em Cristo.

Para saber mais sobre imagem e semelhança e suas implicações práticas na vida do cristão, ouça o **#BTCast 056** - Imago Dei no blog bibotalk.com.br

²² Gutiérrez apud MAY, Roy H. **Discernimento moral: uma introdução à ética cristã**. São Leopoldo: Sinodal, 2008. p. 25.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BRAKEMEIER, Gottfried. O ser humano em busca de identidade. São Leopoldo: Sinodal: São Paulo: Paulus, 2002.

CHAUI, Marilena. Convite à Filosofia. 13. ed. São Paulo: Ática, 2004. p. 310-11.

GAARDER, Jostein. et al. O livro das religiões. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MAY, Roy H. Discernimento moral: uma introdução à ética cristã. São Leopoldo: Sinodal, 2008.

MONDIN, Battista. Antropologia teológica: historias problemas perspectivas. São Paulo: Paulinas, 1979.

Von RAD, Gerhard, Teologia do Antigo Testamento. 2. ed. São Paulo: ASTE/TARGUMIM, 2006.

WIESE, Werner. Ética fundamental: critérios para crer e agir. São Bento do Sul: União Cristã. 2008.

WOLFF, Hans W. Antropologia do Antigo Testamento. São Paulo: Hagnos, 2007.



Teologia é o nosso Esporte